



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**UMA REPORTAGEM CONTRA VARGAS: ANÁLISE DA
ENTREVISTA ENTRE JOEL SILVEIRA E MONTEIRO LOBATO***

Daniilo Wenseslau Ferrari**

Joel Silveira foi jornalista de destaque na história da imprensa brasileira. Seu nome é frequentemente associado ao trabalho como correspondente de guerra, que acompanhou a Força Expedicionária Brasileira (FEB), nos embates finais da Segunda Guerra Mundial. Antes desta atuação, o início de sua carreira foi bastante diverso. Sergipano da cidade de Lagarto, Joel aportou no Rio de Janeiro, em 1937, muito jovem, aos dezoito anos de idade. Desejava a consagração na carreira literária, o que não ocorreu. Naqueles anos, começou a firmar-se como repórter, ofício que seguiu por toda sua trajetória profissional.

Em setembro de 1943, Joel publicou uma reportagem a respeito do escritor Monteiro Lobato, na revista carioca *Diretrizes*. Intitulada “Um governo deve sair do povo como a fumaça de uma fogueira”, frase dita por Lobato durante a entrevista, o texto foi

* Estas reflexões fazem parte da dissertação de mestrado defendida na UNESP/Assis, em 2011, sob orientação da Prof^a. Dr^a Tania Regina de Luca. Na pesquisa, analisou-se a produção jornalística de Joel Silveira, entre 1937 e 1944, no jornal literário *Dom Casmurro* e na revista *Diretrizes*. O trabalho contou com financiamento da FAPESP.

** Possui graduação e mestrado em História pela UNESP/Assis. Atualmente cursa o doutorado na mesma instituição e é Professor da Educação Básica II (História) na Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto-SP.

matéria de capa da revista naquele número.¹ A reportagem, de alguma forma, marcou a trajetória do entrevistador e seu entrevistado, pois foi relembada em diversas obras memorialísticas que Joel Silveira escreveu ao longo da vida.² Monteiro Lobato também selecionou o texto para integrar seu livro *Prefácios e entrevistas*, lançado em 1946, na ocasião da publicação de suas *Obras completas*.³ Por que tal reportagem tornou-se memorável para estes autores?

Para responder a esta questão são necessárias algumas estratégias. Analisar a publicação de um autor em determinado periódico exige caracterizar o veículo suporte. Não se trata de analisar a colaboração de um escritor como se estivesse separada das intenções do grupo responsável pelo jornal ou revista. Tais intencionalidades atravessam as publicações periódicas em sua complexidade, o que torna necessário tomá-las como objeto e não apenas fonte da pesquisa.⁴ Neste trabalho, para além do conteúdo em si, buscou-se identificar a forma e o lugar ocupado pelos textos de Silveira nas páginas das publicações estudadas, bem como a presença/ausência de ilustrações, outros suportes tipográficos e seus possíveis significados. Estes aspectos nada têm de natural e acrescentam significados provenientes do trabalho de edição.⁵

Além disso, o estudo dos intelectuais exige verificar suas relações com o poder, bem como o papel político por eles desempenhado. O intelectual necessita das instâncias de poder, como a imprensa, para entrar em debate e intervir no espaço público.⁶ Por outro

¹ SILVEIRA, Joel. Um governo deve sair do povo como a fumaça de uma fogueira. *Diretrizes*, RJ, nº 167, p. 14-15 e 22, 09 set. 1943.

² Entre as memórias mais recentes, encontramos a referência à reportagem em SILVEIRA, Joel. *A milésima segunda noite da Avenida Paulista*. SP: Companhia das Letras, 2003, p. 59-74; 75-88; 197-205.

³ Adriana Vieira lembra que não é possível saber se a obra *Prefácios e entrevistas* reúne todos os textos destas modalidades produzidos por Lobato ou se houve uma seleção. VIEIRA, Adriana Silene. As entrevistas e os prefácios interessantíssimos de Monteiro Lobato. IN: LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato, livro a livro*. Obra adulta. SP: UNESP, 2014, p. 323-338. Porém, de acordo com Edgar Cavalheiro, em *Prefácios e entrevistas*, Lobato teria selecionado os textos mais “substanciosos”, nos quais o autor expôs suas ideias sobre os grandes problemas do momento, e não meramente biográficos, incluindo, nesta seleção, a reportagem de Joel Silveira. Apud SILVEIRA, Joel. *Op. cit.*, 2003, p.85.

⁴ DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla (org.) *Fontes históricas*. SP: Contexto, 2005, p. 111-153.

⁵ CHARTIER, Roger. *A história cultural*. Entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1988, p. 26-67.

⁶ MUHLMANN, Géraldine. Marx, o jornalismo e o espaço público. IN: NOVAES, Adauto (org.). *O silêncio dos intelectuais*. SP: Companhia das Letras, 2006, p. 117-136. Neste caso a autora analisou a produção jornalística de Karl Marx como a forma que o filósofo encontrou de combater aquilo que ele preconizava como “ideologia” a partir do diálogo com as suas formas de veiculação.

lado, o campo intelectual é dotado de disputas suscitadas pelos diferentes lugares ocupados pelos indivíduos em seu interior.⁷ De acordo com Pierre Bourdieu, estas contendas não se restringem às questões estéticas, mas também representam lutas políticas, no seio de seu campo de produção, pela imposição de um modo de expressão que os letrados consideram legítimo.⁸

A reportagem analisada neste trabalho colocou frente a frente dois intelectuais de gerações distintas. Lobato já era um nome consagrado. O escritor acumulara fama como editor, empresário e autor de obras para o público adulto e infante juvenil. Joel Silveira, em seu turno, jovem e iniciante, testava as possibilidades de consagração, entre jornalismo e literatura. Iniciou-se como contista, mas se embrenhava cada vez mais pelos caminhos da imprensa, firmando-se como repórter, num claro sinal de mudanças e avanços na profissionalização e segmentação do trabalho jornalístico.

Neste processo, as redações que Joel Silveira frequentou como *Dom Casmurro* e *Diretrizes* foram exemplares, pois mesclaram, em sua equipe, nomes dos mais destacados da intelectualidade nacional e internacional, com a presença dos iniciantes. *Diretrizes* (RJ, 1938-1944), revista em que se publicou a reportagem em questão, pertencia a Samuel Wainer. O periódico ganhava destaque no cenário impresso, ao ponto de concorrer com as publicações dos *Diários Associados*, maior cadeia jornalística da época, capitaneada por Assis Chateaubriand.⁹ *Diretrizes* abarcava diversas temáticas, como economia e artes, porém, seus editores davam destaque à abordagem política, que ocupava a maior parte de suas páginas. Assim como muitas, a revista encontrava-se na mira da censura, pois reunia um grupo de colaboradores alinhados ao pensamento de esquerda, e contrários ao regime ditatorial então vigente.¹⁰

Na época da publicação da reportagem, o contexto político encontrava-se bastante conturbado. A ditadura do Estado Novo, de Getúlio Vargas, impunha acirrada censura ao trabalho da imprensa, dos jornalistas, escritores e diversos intelectuais,

⁷ BOURDIEU, Pierre. Campo de Poder, Campo Intelectual e Habitus de Classe. IN: _____ A economia das trocas simbólicas. SP: Perspectiva, 1978, p. 186.

⁸ BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas lingüísticas. SP: EDUSP, 1998, p. 45.

⁹ MORAES, Fernando. *Chatô, o rei do Brasil*. SP: Companhia das Letras, 1994, p. 423.

¹⁰ Sobre *Diretrizes* ver a autobiografia de seu proprietário: WAINER, Samuel. *Minha razão de viver*. SP: Planeta do Brasil, 2005.

conforme destacou a historiografia sobre o período.¹¹ Além da censura prévia, os órgãos repressores listavam os nomes das publicações e seus profissionais, controlava a distribuição do papel linha d'água, usado na impressão dos periódicos.¹² A Segunda Guerra Mundial, então em curso, acalorava as discussões nas redações dos jornais e revistas e demandava posicionamento dos autores. Diante deste quadro, cabe questionar: por que Joel Silveira e os editores de *Diretrizes* escolheram Monteiro Lobato para entrevistar?

A ESCOLHA DO ENTREVISTADO E AS TEMÁTICAS ABORDADAS NA REPORTAGEM

No início da reportagem “Um governo deve sair do povo como a fumaça de uma fogueira”, Joel Silveira alegou que a entrevista com Lobato se dava por conta da comemoração dos 25 anos de publicação da obra *Urupês*, produzida pelo escritor paulista em 1918. De fato, os contos de *Urupês* tiveram relevância na vida literária da época e também na trajetória de seu criador. Em 1943, Lobato concedeu outras entrevistas a respeito do jubileu de seu primeiro livro.¹³

Porém, na data da reportagem, o nome de Monteiro Lobato ensejava outros significados, para além do consagrado escritor de contos. Nos anos 1930, o autor bateu-se contra o governo de Getúlio Vargas, pela questão do petróleo. Após viagem aos Estados Unidos, onde estudou sobre a extração do petróleo e minério de ferro, Lobato voltou ao Brasil disposto a investir no setor. Contudo, o governo Vargas estatizava a questão, ao decretar, em 1934, que todas as riquezas do subsolo brasileiro eram patrimônio da União e ao criar, em 1938, o Conselho Nacional do Petróleo (CNP). O escritor paulista, enfrentou publicamente a postura governamental. Além de mandar cartas a Vargas criticando duramente sua política relativa ao petróleo, Lobato publicou,

¹¹ CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em cena*. Campinas, SP: Papirus, 1998.

¹² DE LUCA, Tania Regina. A grande imprensa na primeira metade do século XX. IN: _____; MARTINS, Ana Luiza (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. SP: Contexto, 2008, p. 149-175.

¹³ VIEIRA, Adriana Silene. *Op. cit.*, p. 325.

em 1936, com sucesso de público, a obra *O escândalo do petróleo*, proibida pela censura no ano seguinte.¹⁴

A partir de então, Lobato passou a sentir o peso da repressão governamental. Suas obras infanto-juvenis, como *História do mundo para crianças* e sua tradução e adaptação de *Peter Pan*, foram retiradas das prateleiras das escolas e apreendidas, pois foram consideradas subversivas e “difamatórias do caráter da juventude”. Lobato chegou a ser preso três vezes. Na última ficou detido por três meses.¹⁵ “Do ponto de vista político, a ação de Lobato na Era Vargas garantiu-lhe o respeito e a admiração dos que se opunham à ditadura, o que colaborava para entender sua crescente aproximação das correntes de esquerda”.¹⁶ Portanto, Joel Silveira e os editores de *Diretrizes* escolheram um importante opositor da ditadura Vargas para entrevistar.

A partir desta escolha, é possível imaginar quais temáticas interessavam àqueles jornalistas, na reportagem sobre Lobato. Porém, antes de inquirir sobre o conteúdo da matéria, é necessário verificar sua forma. O texto em questão foi, na verdade, uma entrevista. Contudo, foi apresentada aos leitores de *Diretrizes* como reportagem, assim como as demais publicações de Joel Silveira na revista. O fato demonstra que as características deste gênero jornalístico ainda não estavam totalmente definidas. A reportagem iniciou-se com o “olho da matéria”, estrutura que resumia, em tópicos, os conteúdos abordados no texto. Na trajetória da imprensa brasileira, tal estrutura, usada foi substituída, anos mais tarde, pelo *lead*, que procurava responder, ao moderno e apressado leitor, as questões: O que? Quem? Onde? Quando?

As reportagens de Joel Silveira também não seguiam o modelo da “pirâmide invertida”, muito disseminado após a adoção dos padrões de objetividade norte-americanos, pela imprensa brasileira, a partir dos anos 1950. Em tal estrutura, os assuntos considerados mais importantes eram tratados no início do texto enquanto os de menor relevância, segundo as escolhas dos editores, ficavam para o final. Nas reportagens de Joel, a estrutura era o inverso desta lógica: os assuntos iniciais eram “mais amenos”,

¹⁴ DE LUCA, Tania Regina. Monteiro Lobato: a luta em prol da brasilidade e do progresso. IN: AXT, Gunter; SCHÜLER, Fernando (orgs.). *Intérpretes do Brasil*. Ensaios de cultura e identidade. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004, p. 135-154.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Idem, p. 153.

enquanto os temas de maior preocupação, segundo a linha editorial adotada pela revista, abordavam-se do meio em diante.

A revista *Diretrizes*, em 1943, tinha em média 32 páginas. A reportagem sobre Lobato ocupou o meio da revista, nas páginas 14 e 15 e também a 22. As dificuldades com a paginação faziam com que os textos tivessem sua continuação distante do início, levando os leitores a folhear algumas páginas para terminar a leitura de seu texto. Diversas reportagens de Joel foram matéria de capa da revista *Diretrizes*, assim como o texto sobre Lobato, o que demonstra que suas colaborações tinha lugar de relevância na revista.

Joel começou sua reportagem como sempre fazia: descreveu o autor no momento da entrevista e o ambiente. O encontro ocorreu no apartamento de Lobato, na Aclimação, em São Paulo. Nas perguntas, o jornalista teve o cuidado de não abordar os problemas que o escritor enfrentava com os órgãos repressores. Silveira questionou Lobato a respeito das traduções que o autor fazia na época da reportagem. O entrevistado contou sobre um livro que estava traduzindo, *Um mundo*, de Wendel Wilkie.¹⁷ Lobato descreveu a obra cujo autor era contra os “imperialismos” e não admitia ditaduras. O tradutor posicionou-se a favor das ideias de Wilkie e afirmou que “um governo deve sair do povo como fumaça de uma fogueira”, frase que se tornou manchete da entrevista e da capa da revista. Para Lobato, um governo que não viesse da “emanação popular” estaria condenado ao desaparecimento:

- Wilkie não admite mais imperialismos, nem o britânico e nem sequer os imperialismos internos dos Estados Unidos (...). Também não admite ele nenhuma espécie de ditadura, não concebe nenhum governo que não seja de pura emanação popular. Um governo deve sair do povo como fumaça de uma fogueira. Aliás eu penso como ele, governo que não for assim é cavilação, não tem legitimidade está condenado ao desaparecimento em consequência do inevitável resultado desta guerra.¹⁸

Joel Silveira e os editores de *Diretrizes* foram bastante ousados ao dar destaque às declarações de Lobato, em plena ditadura do Estado Novo. Em outro momento da entrevista, Lobato afirmou ter lido o livro *O poder soviético*, escrito por Deão de Canterbury, e declarou-se maravilhado pela cultura e pelo povo daquele país. Os órgãos

¹⁷ Wendel Wilkie (1892-1944) foi candidato à presidência dos Estados Unidos em 1940, mas foi derrotado por Franklin Delano Roosevelt. Wilkie se opunha à política intervencionista do *new deal*, idealizada por Roosevelt.

¹⁸ LOBATO, Monteiro. Apud SILVEIRA, Joel. *Op. cit.*, 1943, p. 15.

repressores proibiam notícias favoráveis ao país soviético, com o qual o governo brasileiro havia rompido relações, temendo que a “onda socialista” se alastrasse. Em 1941, os responsáveis pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) determinaram: “Fuzilem a Rússia, impiedosamente...”.¹⁹ Apesar das restrições, os elogios de Lobato à Rússia foram publicados:

- Um belo dia, caiu-me às mãos “O Poder Soviético”. Li esse livro comovidamente (...). Já sei o que é a Rússia e nada mais abalará minhas convicções e o meu entusiasmo. Entusiasmo que se viu confirmado pela maneira mais categórica, pela maravilhosa atuação da Rússia na guerra. Foi o único país onde não houve divergência, onde não houve cisão, onde o povo se colocou da maneira mais integral ao lado do governo. E isso prova que o governo da Rússia é o mais identificado com o povo que nós temos hoje.²⁰

Como tais declarações passaram pelo crivo da censura e foram publicadas pela revista? É preciso lembrar que a ditadura do Estado Novo de Vargas dividiu-se em dois momentos, por conta da conjuntura internacional marcada pela Grande Guerra. No primeiro período (1937-1942), o governo brasileiro manteve-se neutro ante o conflito, e Vargas chegou a flertar com os totalitarismos europeus. No segundo momento (1942-1945), a entrada dos Estados Unidos na guerra exigiu posicionamento do governo brasileiro favorável aos aliados. Esta escolha expôs as contradições do regime que lutava, a partir de então, ao lado das democracias.²¹ Membros do alto escalão varguista afastaram-se do governo e algumas manifestações contrárias à ditadura foram possíveis, como o *Manifesto dos mineiros*, de 1943, justamente depois de um mês que a reportagem de Joel sobre Lobato ganhou as páginas de *Diretrizes*.

Entretanto, apesar do enfraquecimento da ditadura, naquele momento, não se deve menosprezar a atuação da censura, que persistia. Os intelectuais que assinaram o *Manifesto dos mineiros* não sofreram qualquer tipo de perseguição policial, mas muitos deles foram afastados dos cargos públicos que ocupavam, ou perderam o emprego em

¹⁹ Apud SOUZA, José Inácio de Melo. *A ação e o imaginário de uma ditadura*. Controle, coerção e propaganda política nos meios de comunicação durante o Estado Novo. Vol. 02. Mestrado em Comunicação, SP: ECA (USP). 1990, p. 290.

²⁰ LOBATO, Monteiro. Apud SILVEIRA, Joel. *Op. cit.*, 1943, p. 22.

²¹ CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? IN: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (orgs.). *O Brasil republicano*. Vol. II. O tempo do nacional estatismo. RJ: Civilização Brasileira, 2003, p. 108-143.

empresas privadas.²² Vale lembrar que, a possibilidade do fim do regime, após 1942, causou temor nos governantes, que intensificaram a propaganda política em órgãos portavozes do regime, como o jornal *O Estado de S. Paulo*.²³ Se as manifestações contra a ditadura ganhavam força, os governantes não temiam em reagir em face delas.

A reportagem sobre Monteiro Lobato entrou para as memórias de Joel Silveira, como símbolo de sua resistência à ditadura Vargas. Nas obras memorialísticas, Silveira afirmou que *Diretrizes* foi fechada pela censura, por causa desta entrevista, o que não ocorreu. A revista deixou de existir somente no ano seguinte. O dado também se reproduziu em verbetes de dicionários e enciclopédias.²⁴ O engano do jornalista, muitos anos após a realização da reportagem, não foi mero esquecimento. Contudo, também não se tratou de invenção. O autor tentava destacar, em suas memórias, sua imagem enquanto repórter heroico que combateu a ditadura. Ao longo de sua trajetória profissional, Joel procurou destacar as características do ofício que assumiu, ainda naqueles anos. A construção desta identidade de repórter também se evidenciou na reportagem sobre Monteiro Lobato.

JOEL SILVEIRA E O OFÍCIO DE REPÓRTER

²² O *Manifesto dos mineiros* é considerado a primeira manifestação aberta contra a ditadura. Certamente esta reação esteve ligada à possibilidade que se abriu aos setores de oposição, de romper com o silêncio imposto pela censura, após a entrada do Brasil na guerra, ao lado dos aliados. O documento contou a assinatura de cerca de 90 intelectuais e políticos mineiros, entre os nomes de Virgílio de Melo Franco, Pedro Aleixo, Milton Campos, Arthur Bernardes, Afonso Arinos de Melo Franco, Adauto Lúcio Cardoso, Adolfo Bergamini, Afonso Pena Jr., Alaor Prata, Bilac Pinto, Daniel de Carvalho, José de Magalhães Pinto, Mário Brant, Odilon Braga, entre outros. A primeira tiragem do texto foi de cerca de 50 mil exemplares, impressos em uma gráfica clandestina em Barbacena (MG), distribuídos de mão em mão ou jogados embaixo das portas das residências, por conta da vigilância governamental. Ver: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/QuedaDeVargas/ManifestoDosMineiros> Acessado em 11/12/11.

²³ Ver COSTA, Alexandre Andrade da. *Caleidoscópio político: as representações do cenário internacional nas páginas do jornal O Estado de S. Paulo (1938-1945)*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2010.

²⁴ Entre as memórias de Silveira que consta esta afirmação estão: SILVEIRA, Joel. *Memórias de alegria*. RJ: Mauad, 2001, p. 82; SILVEIRA, Joel. *Op. cit.*, 2003, p. 65. O dado foi reproduzido em MORAES, Fernando. *Op. cit.*, p. 423; MORAES, Fernando. A víbora está viva. Posfácio de SILVEIRA, Joel. *Op. cit.*, 2003, p. 200. O catálogo *A revista no Brasil*. SP: Abril, 2000, p. 195, também incorreu no erro além do verbete “Joel Silveira” presente em ABREU, Alzira Alves de (org.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-30*. RJ: FGV; CPDOC, 2001, p. 5459. Silveira repetiu a informação em entrevista presente em MOLICA, André Luís Azevedo; MORAES Neto, Geneton (orgs.). *O livro das grandes reportagens*. Vol. 1. RJ: Globo, 2006, p. 131.

Na época em que Joel realizou suas primeiras reportagens, a profissionalização do trabalho jornalístico ainda estava em curso e as fronteiras que o separavam da literatura ainda não estavam totalmente definidas. O primeiro curso superior de jornalismo surgiu somente em 1947.²⁵ Enquanto alguns profissionais tentavam caracterizar o jornalismo como o ofício do “pacto com a realidade”, desde o início do século XX, outros mesclavam seus textos com a narrativa ficcional, inventando personagens e situações, como fez a famosa dupla repórter/fotógrafo formada por David Nasser e Jean Manzon, que despontou no cenário da imprensa a partir dos anos 1940.²⁶

Joel Silveira firmou-se como repórter justamente nesta fase de transição. Em alguns de seus textos ele também mesclou jornalismo e ficcionalidade o que fez com que, anos mais tarde, fosse apontado por seus pares como precursor do *new journalism*, ou “jornalismo literário”, no Brasil.²⁷ Por outro lado, Silveira estava atento às mudanças nos mecanismos de consagração e profissionalização que acompanhavam a imprensa e a literatura desde o início do século XX. Ele próprio, conforme se assinalou acima, não obteve êxito na carreira literária e tentava firmar seu nome na vida cultural do período como jornalista e mais precisamente como repórter.

Na reportagem sobre Monteiro Lobato, o jornalista publicou imagens do arquivo do escritor paulista, como fotografias e caricaturas, além de trechos de documentos, numa tentativa de demonstrar que ele esteve realmente na presença de seu entrevistado. Para ele, o repórter seria o jornalista sempre em busca do detalhe inusitado, da aventura, ou do “furo”, como se diz. No texto, Joel confessou, inclusive, ter se apoderado de cartas de seu entrevistado, sem sua permissão, para publicar na reportagem. De acordo com Joel, a mesa do escritório do autor estava repleta de cartas que Lobato preparava para publicação, e Silveira teria levado consigo, sem que Lobato percebesse, uma destas cartas, que o autor de *Urupês* recebeu de Osvaldo Orico:

Peço a Lobato que me empreste a carta por algumas horas.

- Não senhor. Você nem devia estar mexendo aí.

²⁵ O primeiro curso foi o da Cásper Líbero, mas as escolas de jornalismo só se firmaram a partir dos anos 1960, de acordo com DE LUCA, Tania Regina; MARTINS, Ana Luíza. Introdução. IN: _____ (orgs.). *Op. cit.*, p. 15.

²⁶ CARVALHO, Luiz Maklouf. *Cobras criadas*. David Nasser e *O Cruzeiro*. SP: SENAC, 2001.

²⁷ O *new journalism*, ou jornalismo literário, como é conhecido no Brasil, despontou nos Estados Unidos, nos anos 1960, como reação aos padrões de objetividade da imprensa norte-americana. Neste estilo, os jornalistas mesclavam jornalismo com narrativa ficcional. Sobre este assunto ver: BULHÕES, Marcelo Magalhães. *Jornalismo e literatura em convergência*. SP: Ática, 2007, p. 145-166.

Mas há um telefonema providencial: e enquanto Lobato vai lá embaixo, para atendê-lo, meto a carta de Orico no bolso. (Lobato há de perdoar tal atitude, um tanto quanto arbitrária. Mas ele, tão experiente, deve saber o que é fazer jus à profissão. Já devolvi a carta pelo correio aéreo, depois de fazer dela o clichê que vai nesta reportagem).²⁸

A carta foi, de fato, reproduzida por Joel em sua reportagem. Uma cópia deste texto também estampou a matéria. O assunto da missiva nada tinha que ver com os temas tratados na reportagem. A intenção de reproduzi-la residia justamente nessa tentativa de demonstrar aos leitores que “fazer jus à profissão” de repórter consistia em estabelecer vínculos concretos com dados de realidade, em oposição à invenção literária, além de ousar e “se aventurar” em busca de um “furo”. Além da missiva de Orico, Joel Silveira reproduziu trechos de outras cartas do arquivo de Lobato: “Enquanto Monteiro Lobato fala no telefone (parece que com Edgard Cavalheiro), datilografo rapidamente a carta de José Américo.”²⁹

Não se sabe, contudo, se Joel Silveira teve acesso às cartas de Lobato nestas condições. Esta foi a versão que o jovem jornalista deu publicidade em seu texto. O que se sabe, porém, é que ao republicar a reportagem em seu livro *Prefácios e entrevistas*, Monteiro Lobato retirou o trecho da matéria em que Joel Silveira descrevia sua façanha e reproduzia os documentos do entrevistado.³⁰ No fim de sua vida e de suas atividades profissionais, Lobato organizou suas cartas e demais textos para publicação em suas *Obras completas*. Tratava-se do único recurso do qual o autor dispunha para recolocar-se nos debates intelectuais da época, construindo uma autoimagem que quis legar de si.³¹

Nas suas memórias, Joel Silveira também não mencionou a façanha. O que ficou em suas lembranças foi somente a ousadia em dar destaque às declarações de Lobato, que tanto incomodavam à ditadura do Estado Novo. Na época em que as memórias foram escritas, a profissionalização do jornalismo já havia se consolidado. Os profissionais da imprensa estabeleceram, ao longo dos anos, alguns códigos de conduta no tratamento de

²⁸ SILVEIRA, Joel. *Op. cit.*, 1943, p. 22.

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ Pelo menos na edição da Brasiliense, de 1951, do livro *Prefácios e entrevistas*, não consta o trecho em que Silveira descreveu sua “peraltice” na reportagem “Um governo deve sair do povo como a fumaça de uma fogueira”. Ver LOBATO, Monteiro. *Prefácios e entrevistas*. SP: Brasiliense, 1951, p. 177-188.

³¹ DE LUCA, Tania Regina. Monteiro Lobato: estratégias de poder e auto-representação n’*A barca de Gleyre*. IN: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de Si, Escrita da História*. RJ: FGV, 2004, p. 139-161.

informações e determinada ética no trato com entrevistados. Talvez não fosse mais oportuno relembrar a façanha da reportagem com Monteiro Lobato.

Contudo, é instigante a maneira como o jornalista construiu sua identidade como repórter, numa época em que a profissionalização do ofício ainda não se estabelecera. Aquele que vai às ruas e se aventura em busca do inusitado, são atributos ainda cultivados, nos dias de hoje, entre os profissionais da reportagem. Joel Silveira, e seus textos, como “Um governo deve sair do povo como a fumaça de uma fogueira”, contribuíram, em seu tempo, com a definição dos contornos de sua profissão.

Talvez, por esse motivo, Silveira tenha se tornado um nome de destaque na história da imprensa brasileira. A reportagem sobre Monteiro Lobato catalisou temas dos mais candentes na época, como a questão política e a profissionalização do trabalho intelectual, assuntos estes que consumiram muitas páginas de *Diretrizes* e outras publicações do período. O texto, que reuniu como entrevistado e entrevistador, um ícone da história editorial e aquele que despontava como ícone na história da reportagem, só poderia ser rememorável para ambos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alzira Alves de (org.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-30*. RJ: FGV; CPDOC, 2001.

A revista no Brasil. SP: Abril, 2000.

BOURDIEU, Pierre. Campo de Poder, Campo Intelectual e Habitus de Classe. IN: _____ *A economia das trocas simbólicas*. SP: Perspectiva, SP: Perspectiva, 1974, p. 183-202.

_____. *A economia das trocas lingüísticas*. SP: EDUSP, 1998.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. *Jornalismo e literatura em convergência*. SP: Ática, 2007.

CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em cena*. Propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas, SP: Papirus, 1998.

_____. O Estado Novo: o que trouxe de novo? IN: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (orgs.). *O Brasil republicano*. Vol. II. O tempo do nacional estatismo. RJ: Civilização Brasileira, 2003, p. 108-143.

CARVALHO, Luiz Maklouf. *Cobras criadas*. David Nasser e *O Cruzeiro*. SP: SENAC, 2001.

CHARTIER, Roger. *A história cultural*. Entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1988, p. 26-67.

COSTA, Alexandre Andrade da. *Caleidoscópio político*: as representações do cenário internacional nas páginas do jornal *O Estado de S. Paulo* (1938-1945). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2010.

DE LUCA, Tania Regina. Monteiro Lobato: a luta em prol da brasilidade e do progresso. IN: AXT, Gunter; SCHÜLER, Fernando (orgs.). *Intérpretes do Brasil*. Ensaios de cultura e identidade. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004, p. 135-154.

_____. Monteiro Lobato: estratégias de poder e auto-representação n' *A barca de Gleyre*. IN: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de Si, Escrita da História*. RJ: FGV, 2004, p. 139-161.

_____. História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla (org.) *Fontes históricas*. SP: Contexto, 2005, p. 111-153.

_____. A grande imprensa na primeira metade do século XX. IN: _____; MARTINS, Ana Luiza (org.). *História da imprensa no Brasil*. SP: Contexto, 2008, p. 149-175.

_____; MARTINS, Ana Luiza. Introdução. IN: _____ (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. SP: Contexto, 2008, p. 07-19.

<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/QuedaDeVargas/ManifestoDosMineiros> Acessado em 11/12/11.

LOBATO, Monteiro. *Prefácios e entrevistas*. SP: Brasiliense, 1951.

MOLICA, André Luís Azevedo; MORAES Neto, Geneton (orgs.). *O livro das grandes reportagens*. Vol. 1. RJ: Globo, 2006.

MORAES, Fernando. *Chatô, o rei do Brasil*. SP: Companhia das Letras, 1994.

MUHLMANN, Géraldine. Marx, o jornalismo e o espaço público. IN: NOVAES, Adauto (org.). *O silêncio dos intelectuais*. SP: Companhia das Letras, 2006, p. 117-136.

SILVEIRA, Joel. Um governo deve sair do povo como a fumaça de uma fogueira. *Diretrizes*, RJ, nº 167, p. 14-15 e 22, 09 set. 1943.

SILVEIRA, Joel. *Memórias de alegria*. RJ: Mauad, 2001.

SILVEIRA, Joel. *A milésima segunda noite da Avenida Paulista*. SP: Companhia das Letras, 2003.

SOUZA, José Inácio de Melo. *A ação e o imaginário de uma ditadura*. Controle, coerção e propaganda política nos meios de comunicação durante o Estado Novo. 2 Vol. Mestrado em Comunicação, SP: ECA (USP). 1990.

VIEIRA, Adriana Silene. As entrevistas e os prefácios interessantíssimos de Monteiro Lobato. IN: LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato, livro a livro*. Obra adulta. SP: UNESP, 2014, p. 323-338.

WAINER, Samuel. *Minha razão de viver*. Memórias de um repórter. SP: Planeta do Brasil, 2005.

